

## Crítica textual e ensino: análise filológica de crônicas em livros didáticos

### Textual Criticism and teaching: Philological analysis of chronicles in textbooks

Bárbara Bezerra de Santana Pereira<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo expõe o resultado da pesquisa na qual analisamos, através de parâmetros filológicos, crônicas do escritor capixaba Rubem Braga, presentes em livros didáticos de Língua Portuguesa, aprovados pelos PNL D dos anos de 1999, 2002 e 2005. Objetivamos com este trabalho analisar o processo de transmissão desse gênero textual, averiguando a existência de divergências, denominadas de variantes, entre o texto transcrito no livro didático e o que é indicado por este como referência / fonte. A partir do exercício de cotejo entre testemunhos, da identificação das variantes e suas classificações, a saber - omissão, adição, substituição e alteração da ordem (BLECUA, 1983) - buscamos levantar hipóteses motivacionais para tais variantes, levando-se em consideração o contexto de produção e circulação dos materiais didáticos examinados. Constatamos, então, que o contexto discursivo do Livro Didático de Língua Portuguesa como um todo contribui para a existência de variantes textuais. A análise empreendida gerou como resultado a percepção de que existem diversas motivações para a produção dessas variantes, tais como: censura, abrandamento vocabular, fuga de aprofundamento de discussões que possam ser consideradas inadequadas ou desnecessárias ao público leitor, simplificação do texto com intuito de resumi-lo para disponibilização de espaço gráfico, correção gramatical, erro de cópia, entre outros. Com esse estudo buscamos refletir acerca da contribuição dos estudos filológicos para o campo ensino e para a prática pedagógica.

**Palavras-chave:** Filologia; Ensino; Livro Didático; Crônicas.

**Abstract:** This article presents the results of a research project in which we analyzed, using philological parameters, chronicles by the writer Rubem Braga, from Espírito Santo, which were included in Portuguese language textbooks approved by the PNL D in 1999, 2002 and 2005. The aim of this work is to analyze the transmission process of this textual genre, checking for divergences, known as variants, between the text transcribed in the textbook and what is indicated by the textbook as a reference/source. By comparing the testimonies, identifying the variants and classifying them as omission, addition, substitution and change of order (BLECUA, 1983), we tried to come up with motivational hypotheses for these variants, taking into account the context of production and circulation of the teaching materials examined. We then found that the discursive context of the Portuguese language textbook as a whole contributes to the existence of textual variants. The analysis carried out resulted in the perception that

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras. Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: bbsantana@uneb.br ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4477-998X>

there are various motivations for the production of these variants, such as: censorship, softening of vocabulary, avoidance of in-depth discussions that may be considered inappropriate or unnecessary for the reading public, simplification of the text in order to summarize it to provide graphic space, grammatical correction, copying errors, among others. With this study we sought to reflect on the contribution of philological studies to the field of teaching and pedagogical practice.

**Keywords:** Philology; Teaching; Textbook; Chronicles.

## Introdução

O presente texto apresenta reflexões advindas da pesquisa que culminou na tese intitulada “A edição didática pelo prisma filológico: as crônicas de Rubem Braga em livros didáticos de língua portuguesa”, defendida em dezembro de 2021, pelo Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa e Filologia, da Universidade de São Paulo. A pesquisa nasceu através do levantamento de questionamentos da seguinte natureza: Como ocorre o processo de transmissão das crônicas de Rubem Braga em Livros Didáticos de Língua Portuguesa? Quais tipos de variantes podemos encontrar nas crônicas transcritas nesses materiais? Quais possíveis motivações para tais incidências?

A partir dessas questões objetivamos realizar um trabalho que analisasse o processo de transmissão das crônicas rubembraguianas em Livros Didáticos de Língua Portuguesa, através de uma metodologia pautada em parâmetros filológicos. Além desse objetivo principal, buscamos conhecer, de maneira aprofundada, o *corpus* escolhido para análise, considerando o suporte e o contexto discursivo em que este se encontra inserido, fazer um levantamento das variantes existentes nesses materiais, classificá-las a partir das tipologias aristotélicas propostas por Blecua (1983), identificar a natureza das variantes e refletir acerca de suas prováveis motivações.

A delimitação do *corpus* deste trabalho deu-se a partir de um acurado estudo acerca da natureza e histórico do gênero crônica, do Livro Didático de Língua Portuguesa e da produção literária de Rubem Braga. O gênero textual crônica é dotado de um hibridismo originário, além de sua enigmática simplicidade e, ao olharmos mais especificamente para as crônicas de Rubem Braga, nos deparamos com o seu fazer de escrita cheio de publicações e refacções. Ademais, o contexto em que essas crônicas se encontram, no famigerado Livro Didático de Língua Portuguesa, não fica atrás no

questo complexidade, haja vista suas multiplicidades provindas dos variados agentes que influenciam, direta ou indiretamente, em sua produção e circulação.

Sendo assim, escolhemos como *corpus* um único gênero textual, de um único autor, dos quatro anos finais do Ensino Fundamental, num recorte cronológico curto e dentro de parâmetros de produção relativamente precisos: fazer parte dos livros aprovados nos três primeiros processos avaliativos do PNLD, anos de 1999, 2002 e 2005.

## **As crônicas de Rubem Braga em páginas didáticas**

Ao folharmos as páginas de Livros Didáticos de Língua Portuguesa, principalmente das séries do Ensino Fundamental, percebemos a constância de gêneros textuais como contos e crônicas. A presença da crônica nesses materiais pode ser justificada por algumas razões, tais como: ser um texto de extensão curta (conseqüentemente, demandaria menor tempo para leitura e menor espaço gráfico), possuir linguagem mais simples e próxima da oralidade, apresentar conteúdos/assuntos acessíveis à faixa etária do aluno, etc. Podemos supor que esses sejam alguns dos fatores que colocam este gênero nas salas de aula, propiciando seu acesso desde cedo. Bender (1993, p. 44) observa que “[...] a crônica, principalmente por ser tão difundida nos livros didáticos, acaba sendo a principal fonte de texto literário para a maioria dos nossos jovens, quando não a única, pelo menos no 1º grau<sup>2</sup>”. Sem dúvidas, grande parte do contato com leitura e escrita no Ensino Fundamental ocorreu e ocorre através do gênero crônica, e esse acaba sendo um fator preponderante para a análise desse gênero.

Cafiero e Corrêa (2003), ao analisarem quatro coleções de LD de Língua Portuguesa (do 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental – corresponde atualmente as quatro últimas séries do Ensino Fundamental, ou seja, 6º ao 9º ano), avaliadas pelo PNLD/2002, realizaram um levantamento dos textos literários mais presentes no *corpus* da pesquisa, bem como observaram os gêneros e autores mais frequentes. Ao apresentarem uma tabela com os principais gêneros, a crônica apareceu com a significativa presença de 16% dentro de uma gama de outros. Os pesquisadores também apresentam algumas hipóteses para essa frequência, vejamos:

---

<sup>2</sup> Essa nomenclatura designava o estágio do ensino hoje conhecido como Ensino Fundamental.

A crônica, gênero que se situa entre o jornalismo e o literário, é também muito usada nos manuais: 16% dos textos das coleções analisadas são crônicas. É possível que a preferência por esse gênero se explique por ser ele, normalmente, um texto curto, que incita a curiosidade do leitor, que lida com o pitoresco, com a crítica mordaz ou com a fina ironia. (CAFIERO; CORRÊA, 2003, p. 294).

Segundo Lauria (2004), teria sido a autora Magda Soares a pioneira na utilização da crônica em LD. Em seu exitoso *Português através de textos*, publicado a partir da segunda metade década de 1960<sup>3</sup>, a autora elege esse gênero textual como um dos mais adequados para a sala de aula. De acordo com Lauria (2004, p. 162), “[..] em geral de extensão razoável, o texto cronístico tem unidade temática e estrutural, além de linguagem acessível à maior parte dos jovens estudantes, fatores que acabam sendo como uma estratégia diferenciada para atrair a atenção do leitor”.

Autores como Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino e, é claro, Rubem Braga são presenças frequentes em páginas didáticas desde décadas atrás. Lins (1976) já atestava essa frequência, assim como, posteriormente, Cafieiro e Corrêa (2003) e Bornatto (2014) também atestaram. Sobre esse aspecto, destacamos a fala do editor Jiro Takahashi<sup>4</sup>, quando, em uma conversa com Affonso Romano de Sant’Anna, discutiam acerca do frequente uso das crônicas de Rubem Braga em sala de aula, vejamos:

Na metade dos anos 70, a Editora Ática já tinha duas coleções bem consolidadas para o público escolar. Um dia o escritor Affonso Romano de Sant’Anna telefonou para o editor Jiro Takahashi para conversar sobre o cronista Rubem Braga. “*Um dos pontos era tentar entender o motivo de ele ser tão usado nas salas de aula, mas isso não se refletia na divulgação e venda de seus livros de crônicas nas livrarias*”, explica Takahashi. (ONLINE, 2014, grifo nosso)

A partir dessa conversa e dessa constatação, Takahashi cria a bem sucedida coleção *Para gostar de ler*, que apresenta, em seus cinco números iniciais, seletas de

---

<sup>3</sup> O livro *Português através de textos* teve grande sucesso de crítica e público da segunda metade da década de 1960 até início dos anos 1970. A partir de 1971, com o intuito de adequar ao mercado de LD de então, Magda Soares cria a coleção *Comunicação em Língua Portuguesa* (tendo como parceiro Adilson Rodrigues Pereira). Na década seguinte, lança a coleção *Novo Português através de textos* e em 1990 retoma o antigo título *Português através de textos*. A partir de 2000, amplia a produção, criando a coleção *Uma proposta para o letramento* que abarca todo o ensino fundamental (com a nomenclatura de 1ª à 8ª série). Ao longo de sua produção, a crônica aparece como gênero de destaque.

<sup>4</sup> As informações referentes à essa entrevista encontram-se no artigo *A história da coleção ‘Para Gostar de Ler’*, publicado em 29 de maio de 2014, no site “RUBEM: Revista da Crônica – Notícias, entrevistas, resenhas e textos feitos ao rés-do-chão”, disponível no endereço: <https://rubem.wordpress.com/2014/05/29/a-historia-da-colecao-para-gostar-de-ler/>. Acesso em: 04 jun. 2019.

crônicas de Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos (posteriormente ampliando para outros gêneros e autores). Ressaltamos que a seleção de textos para o primeiro livro da coleção foi realizada com o auxílio de professores e passou por um processo de triagem e edição experimental para, só posteriormente, ser publicada com a tiragem expressiva de 100 mil exemplares. Sobre esse processo de criação, vale o seguinte adendo:

Os dois [Sant'Anna e Takahashi] concordavam que o maior cronista brasileiro merecia uma grande tiragem e, com o estímulo de Affonso, Takahashi resolveu ousar e criar “uma loucura saudável”, como definiu a Coleção “Para Gostar de Ler”.

Decidiu reunir então um grupo de professores para fazer a primeira triagem das crônicas que deveriam entrar na primeira edição, além de confirmar os nomes que iriam compor o quarteto de cronistas (o time ficaria formado por Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Carlos Drummond de Andrade).

Feita essa triagem, a Editora Ática fez uma edição experimental de 3 mil exemplares para que alunos “julgassem” os textos. “Com as apreciações dos alunos, confirmadas pela nossa equipe e pelos professores que nos acompanhavam, chegamos às crônicas que saíram publicadas, totalmente testadas”, revela Takahashi. Em seguida uma equipe de designers, com nomes como o capista Mário Cafiero, o artista Ary Normanha e Antônio do Amaral, fez o restante da produção editorial.

A primeira edição saiu em 1977 com uma gigantesca tiragem de 100 mil exemplares. Na introdução, o livro deixava claro que não pretendia ensinar gramática ou redação, mas apenas convidar o estudante a conhecer o mundo da leitura.

A aceitação foi imediata e a editora teve que tirar mais uma edição, agora de 150 mil exemplares, para conseguir atender o público.

Segundo Takahashi, a expressiva marca também serviu para quebrar o mito editorial na época de que livro de crônicas não vendia. (ONLINE, 2014.)

Bender (1993, p. 49) também observa essa frequência e a justifica pelo pioneirismo da obra de Braga “Por ter sido pioneiro da crônica contemporânea, difícil um texto seu não ter se tornado antológico e não pertencer ao livro didático.”. Partindo desse pressuposto, a justificativa referente à escolha do *corpus* da presente pesquisa se alicerça um pouco mais.

Como sabemos, a crônica nasce destinada a ser inicialmente veiculada em perenes meios de comunicação, tais como jornais e revistas. Sua passagem para o livro ocorreu por conta da qualidade literária atribuída às produções de determinados autores do gênero. Rubem Braga é considerado o principal expoente dessa produção literária. Ao adentrar nas páginas de materiais didáticos, essas crônicas passam a ser

destinadas à leitura e à análise de sujeitos (alunos e professores) em determinados momentos históricos, em contextos discursivos diferentes, geralmente ligados a conteúdos didático-pedagógicos específicos. Ou seja, a passagem da crônica do jornal, da revista ou do livro para o Livro Didático pressupõe mais que uma simples mudança de veículo de publicação. O texto autoral, seja literário ou não, ao adentrar no espaço didático, passa a fazer parte de um contexto discursivo diferenciado e, mesmo que não sofra nenhuma interferência direta, sua recepção e sua análise se tornam diferenciadas, tendo em vista todo o contexto referente ao ensino. Por conta disso, consideramos as transcrições das crônicas de Braga em materiais didáticos como *Edição Didática*, sendo que essa nomenclatura não se restringe, é claro, às obras de Braga, mas qualquer tipo de texto que adentre ao contexto do material didático.

## **Crítica Textual e Ensino no campo da pesquisa brasileira**

Apesar de pouco estudada, a relação entre a Crítica Textual e o Ensino remonta à origem da própria disciplina filológica. Segundo Spina (1994, p. 67), no período helenístico, a educação grega focava na formação “[...] de natureza mais espiritual, marcadamente literária [...] um ensino de caráter institucional, escolar” e, como consequência, surgiu a necessidade e a preocupação de preparar textos adequados e legíveis para esse público. Dessa forma, atestamos que os primeiros procedimentos da Crítica Textual foram utilizados e também formulados com um intuito pedagógico, de preparação de texto para a prática do ensino das crianças gregas. Apesar da origem e das práticas imbricadas no labor filológico, os estudos que versam sobre essa relação ainda são poucos.

No Brasil, consideramos como o primeiro trabalho nessa linha, a pesquisa empreendida por Mendes (1986) e publicada em forma do artigo intitulado *A fidedignidade dos textos nos livros didáticos de Comunicação e Expressão no Brasil*. Entre este marco e os anos de 2010, há o que consideramos um hiato de investigações, entretanto, vale destacar a publicação de Telles (2016), em que a autora faz uma reflexão acerca dos textos utilizados pelos estudantes; e o livro de Cambraia (2005), que

apresenta um pequeno capítulo intitulado *Crítica textual e ensino*. Sublinhamos que essas duas produções fazem referência ao trabalho de Mendes (1986).

A partir de 2012, surgem novas pesquisas, tais como as realizadas por Marengo e Rodrigues (2012) e Marengo (2016), cujos focos passam pela análise de textos em Livros Didáticos de Língua Espanhola e reflexões acerca do papel e da importância da Crítica Textual no currículo dos cursos de Letras. No ano de 2016, três monografias<sup>5</sup> produzidas no curso de especialização em Análise e Elaboração de Material Didático em Espanhol como Língua Estrangeira na Educação Básica, da Universidade Federal de Sergipe (UFS), utilizaram a base metodológica da Crítica Textual para analisar a fidedignidade de textos (literários e entrevistas) presentes em Livros Didáticos de Língua Espanhola. As pesquisas de Ericka Santos, Milena Rodrigues e Marina Sacramento, todas orientadas pelo Prof. Dr. Sandro Marcio Drumond Alves Marengo, analisaram coleções aprovadas pelos PNLD dos anos de 2012 e 2015, identificando divergências entre os textos encontrados no Livro Didático com seus respectivos textos-base, muitos desses provindos do ambiente digital. Os resultados desses trabalhos, além de suas pesquisas individuais, surtiram efeitos diretos na elaboração dos Livros Didáticos analisados nos PNLD que se seguiram. A partir dos pontos destacados pelos pesquisadores, houve diversas correções, denotando, assim, a importância deste tipo de pesquisa para a qualidade do material didático produzido para salas de aula brasileiras.

Em 2013, a dissertação de Virgínia Baldow (2013), intitulada *A genuinidade de textos literários em livros didáticos de língua portuguesa*, também analisa textos literários em Livros Didáticos do Português, a partir do aparato metodológico da Crítica Textual. Amparada nos estudos e reflexões referentes ao processo de ensino de literatura na escola, a autora buscou demonstrar que as transgressões existentes nos textos analisados ocorreram com o intuito de atender a propósitos didáticos.

Em 2018, Santiago-Almeida, Silva e Morandini apresentaram resultados de investigações sobre excertos de *Iracema* (José de Alencar) e de *Quincas Borba* (Machado de Assis) com uma proposta metodológica até então inédita. Em 2019, nessa linha

---

<sup>5</sup> Títulos das monografias: *PNLD 2012 X PNLD 2015: Um estudo de crítica textual na coleção “Enlaces”*, de Santos (2016); *Textos literários e crítica textual: uma análise da coleção “Cercania Joven” (PNLD 2015)*, de Sacramento (2016); e *Crítica Textual e Livros Didáticos: os textos literários na coleção Enlaces (PNLD 2012 e 2015)*, de Rodrigues (2016).

metodológica, Josenilce Barreto e Santiago-Almeida publicaram um artigo que trata do processo de transmissão de trechos do *Grande Sertão: veredas* (Guimarães Rosa) em Livros Didáticos.

Seguindo nessa esteira de produções, destacamos que, no ano de 2018, o IX Seminário de Estudos Filológicos (SEF), cujo tema foi *Filologia em diálogo: descentramentos culturais e epistemológicos*, trouxe como um de seus eixos temáticos a relação entre Filologia e Ensino. Tal eixo apontava como principais objetivos discutir e examinar

[...] os processos de transmissão e circulação dos textos, em perspectiva filológica, considerando as abordagens de ensino no que se referem aos livros indicados para leitura e análise, bem como aos textos que circulam nos livros didáticos e paradidáticos, tomados como objeto de trabalho no ensino fundamental e médio, e apresentando propostas editoriais para tais fins. (1ª Circular do IX SEF)<sup>6</sup>

Além da apresentação de algumas comunicações<sup>7</sup> sobre a temática, ocorreu uma mesa-redonda, intitulada *Filologia e Ensino*, na qual foram apresentadas as seguintes palestras: *A construção do conhecimento filológico: ideias norteadoras do livro Olhares sobre o português medieval: Filologia, História e Língua*, por Celia Regina dos Santos Lopes (UFRJ); *A leitura crítico-filológica como referência para a construção de uma pedagogia da materialidade na educação básica*, por Eduardo Silva Dantas de Matos (Sartre | Escola SEB); *Estudo do processo de transmissão de textos literários em livros didáticos de língua portuguesa*, por Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto (UFOB/USP) e *“Ensinando a transgredir”: a crítica filológica na sala de aula da educação básica*, por Rosinês de Jesus Duarte (UFBA). Dessas, apenas a última se encontra registrada nos Anais do referido congresso<sup>8</sup> (publicados em 2020), e nos apresenta uma rica e inovadora forma de fazer Filologia. Utilizando-se da análise de material didático de um ponto de vista humanista e crítico, indo a campo para conversar com professores/alunos, Duarte (2020) propõe sequências didáticas e desvela as

<sup>6</sup> Disponível em: [http://www.studia.ufba.br/wa\\_files/1a\\_20circular\\_20\\_281\\_29.pdf](http://www.studia.ufba.br/wa_files/1a_20circular_20_281_29.pdf). Acesso em: 24 jul. 2020.

<sup>7</sup> Dentre elas, a comunicação *Do jornal ao livro didático: a cronística rubembraguiana em foco*, por mim apresentada neste evento.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.memoriaarte.com.br/>, na publicação intitulada *Filologia em Diálogo: descentramentos culturais e epistemológicos*.



incongruências e ausências nas escolhas dos textos literários utilizados nas salas de aula. A partir dessas reflexões, vemos o labor filológico ganhar novas perspectivas.

Contudo, quando falamos de estudos filológicos voltados para o ensino, geralmente desembocamos na análise de textos/materiais didáticos (livros, apostilas, módulos, etc.). Dentro dessa perspectiva, como já colocado, nos deparamos com o precursor trabalho de Mendes (1986), o qual apresenta o resultado de um projeto que tinha por objetivo verificar como os textos literários “[...] eram tratados pelos autores de livros didáticos de Comunicação e Expressão” (Mendes, 1986, p. 163). A autora e seu grupo selecionaram 36 livros<sup>9</sup>, de onde retiraram textos de variados gêneros e fizeram suas análises verificando aspectos concernentes ao campo da Crítica Textual. Através dessas análises, puderam identificar e levantar os tipos de alterações que ocorriam e que implicavam na questão da fidedignidade do texto. Supressões, acréscimos de palavras e/ou expressões, modificações referentes a pessoas e tempos verbais, pontuações, entre outros, foram pontos destacados. É patente que o trabalho que Mendes e seus orientandos realizaram serviu e serve de base e inspiração para outros que tomam como *corpora* textos transcritos em materiais didáticos em consonância com o método filológico, e o presente trabalho não foge a essa inspiração.

## Reflexões acerca da transmissão do texto em materiais didáticos

Sabemos que, no processo de transmissão de um texto, muitas são as divergências que podem existir. Em se tratando de um texto com fins didáticos, essas divergências ganham uma notoriedade, pois esses geralmente são os primeiros contatos (às vezes os únicos) do estudante com o texto literário. Cambraia (2005) faz essa reflexão e destaca a importância do cuidado no processo de transmissão para Livro Didático, haja vista seu público e a característica formativa desse veículo.

Se, por um lado, não se pode negar que o erro é inerente ao processo de transmissão dos textos (a crítica textual existe justamente em função dessa realidade incontestável), por outro lado, dada a amplitude do

---

<sup>9</sup> Destacamos os anos e séries elencados no trabalho de Mendes (1986). Os testemunhos foram coletados em 36 livros (4 de 1978; 1 de 1979; 1 de 1980; 4 de 1981; 3 de 1982; 10 de 1983; 1 de 1984; 12 livros não indicavam o ano de publicação), de 1<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, ou seja, todas as séries que correspondem atualmente aos anos do Ensino Fundamental I e II.

público que se utiliza de livros didáticos e dado ainda seu caráter formativo, o rigor na elaboração de textos dessa natureza é seguramente um imperativo ao qual não se pode furtar. (Cabraia, 2005, p. 193)

Por mais aceitável que seja a justificativa e motivação de uma alteração, essa deve ser, no mínimo, indicada e informada ao leitor, pois, caso contrário, dá-se a impressão de que não houve preocupação e cuidado com a propriedade intelectual do autor e com o conteúdo do texto transcrito. Vários motivos podem ser levantados para tentar explicar essas alterações. Seja para tornar o texto mais engraçado ou mais atrativo ao aluno, para adequar a linguagem a algum objetivo pedagógico ou à faixa etária indicativa, seja por abrandamento vocabular, para adaptar o texto à norma gramatical padrão ou por censura (por considerarem determinado trecho ou palavra inadequados por algum motivo)<sup>10</sup>. Vale lembrar que essas motivações se encontram também atreladas à natureza do Livro Didático, imersa num determinado contexto de produção, sofrendo interferências de várias instâncias, desde o ponto de vista histórico ao político, passando pelo cultural, social e econômico.

Outro aspecto passível de reflexão refere-se às implicações que as modificações possam causar para a interpretação do texto e sua análise de cunho crítico-literário e semântico-discursivo. Mendes (1986, p. 168) observa que essas interferências causam o que denomina de “[...] mutilação da expressividade [...]”. Além dessa consequência, podemos levantar outras, tais como, descaracterização da obra e do autor, perda de conteúdo para análise, empobrecimento do texto, etc. Mesmo que as interferências possam parecer pequenas, qualquer alteração modificará a mensagem do texto. Sobre esse assunto, Cabraia (2005, p. 193) pontua que

---

<sup>10</sup> Fazemos um adendo para lembrarmos de um tipo de edição de textos conhecida pela expressão latina *Ad usum Delphini* (para uso do Delfim), a qual foi cunhada para designar textos adaptados para uso do filho do Rei francês Luís XIV, que “[...] mandou elaborar uma coleção de 60 volumes dos clássicos latinos para seu filho Luís (1661-1711); dessa coleção, foi excluído tudo o que envolvia aspectos eróticos e de rebeldia, além de outros textos ofensivos. Os livros traziam o carimbo ‘ad usum Delphini’. ‘Dauphin’ (em latim, *delphinus*) era o título dos sucessores do trono francês, porque eles eram os príncipes do Dauphiné, uma região do sudeste da França, em cujo brasão apareciam dois golfinhos (*dauphin*, em francês). A expressão ‘ad usum Delphini’ foi usada em seguida em todas as eventuais medidas de censura, especialmente quando o motivo era o pudor” (Poppelmann, 2010, p. 10-11). De acordo com o Dicionário de Termos Literários de Ceia (2009) é “[...] toda a edição para fins pessoais, mas corrupta por causas não exclusivamente literárias [...]” e Cabraia (2005, p. 89), observa que é uma “[...] edição com supressões, geralmente para ser empregada como material didático”.

[...] análises superficiais de textos podem dar a impressão de que alterações em pequenos pontos não têm impacto sobre o texto de forma geral, mas a reflexão aprofundada sobre uma obra mostra, de maneira evidente, como as modificações na forma de um texto interferem claramente na sua interpretação.

Essas constatações reforçam nossa proposta de refletir acerca das interferências dessas variações numa análise crítico-literária, já que essas modificam, além da estrutura do texto, o seu sentido. Entretanto, não podemos esquecer de que o texto literário transcrito no material didático situa-se num novo habitat e, por conta das características desse *locus*, com ou sem modificações / interferências / transgressões / variantes (como queiramos denominar) o texto ganha o perfil didático. Como colocado por Chartier (2002, p. 61) “Os textos não existem fora dos suportes materiais (sejam eles quais forem) de que são os veículos. Contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que as formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão participam profundamente da construção de seus significados”. Tomando por base essa premissa, denominamos a transcrição de um texto autoral em Livro Didático como uma *Edição Didática*. Ratificamos que, mesmo que o texto se encontre idêntico ao autoral, sem interferência alguma, seu contexto de circulação denota esse caráter didático, já que a forma como vemos, lemos e recebemos um texto perpassa por seu veículo de publicação. A leitura de uma mesma crônica num jornal, numa revista, num livro, num blog ou num livro didático pode apresentar diferentes interpretações, tendo em vista todo o ambiente de circulação do texto.

Voltando à transmissão do texto em si, não deixamos de ponderar que, durante esse processo, as divergências, as quais denominamos variantes, podem aparecer, mesmo que não tenham sido intencionais. Entretanto, sendo estas permeadas por muitas intenções e motivações, essas modificações precisam ser sinalizadas, apontadas e analisadas para que o conteúdo do texto (com a personalidade, características e intenções do autor) não seja maculado.

Apesar de colocarmos como latente e importante a preservação da fidedignidade do texto literário (ou não) transcrito no livro didático, não podemos esquecer que este veículo, tendo em vista todo contexto discursivo em que se encontra, poderá apresentar variações para atender, por exemplo, ao intuito didático-pedagógico-escolar. Entretanto, espera-se que esses ajustes devam ser informados e destacados em alguma parte do

livro, seja através de indicações como, por exemplo, *Texto adaptado* ou *Texto fragmentado*, ou, ainda, sinalizações como reticências ente parênteses ou colchetes.

## O corpus e a proposta metodológica

Tendo em vista a natureza da pesquisa de base filológica (com todas as relações e implicações de ordem transdisciplinar que este campo aciona), as características do *corpus* e os principais objetivos por nós elencados, selecionamos 14 crônicas do escritor Rubem Braga, encontradas em Livros Didáticos de Língua Portuguesa, indicados pelos PNLD dos anos de 1999, 2002 e 2005, referentes ao Ensino Fundamental II.

Quadro 1 – Crônicas analisadas

TEXTO	TÍTULO DA CRÔNICA	PNLD analisado	Mesma ocorrência no PNDL
Texto A	Ela tem alma de pomba (Televisão)	1999	
Texto B	Ela tem alma de pomba	1999	2002
Texto C	Ela tem alma de pomba	2005	
Texto D	Ela tem alma de pomba	2002	2005
Texto E	Ela tem alma de pomba	2005	
Texto F	O padeiro	1999	
Texto G	História triste de tuim	1999	
Texto H	Velhas crônicas	1999	2002/2005
Texto I	Os amigos na praia	1999	2002/2005
Texto J	Luto da família Silva (Luto pela família Silva)	1999	2002
Texto K	Mar	1999	2002
Texto L	Os jornais	1999	2002
Texto M	Coisas antigas	1999	
Texto N	Em Portugal se diz assim	2005	—

Fonte: elaboração própria

Ao tratar de método concernente ao trabalho do crítico textual, mais precisamente às fases desenvolvidas ao longo do tempo, Blecua (1983) faz uma ressalva ao apontar para a falta do que ele chama de unanimidade entre os filólogos, “As disparidades de critérios na divisão do processo vem determinada pelo próprio desenvolvimento histórico da Filologia<sup>11</sup>” (Blecua, 1983, p. 31, tradução nossa).

<sup>11</sup> No original: Las disparidades de criterios en la división del proceso viene determinada por el propio desarrollo histórico de la Filología”.

Seguindo nessa esteira, observamos que ao longo de sua existência, o fazer filológico, no âmbito da Crítica Textual, vem passando por diversas propostas metodológicas, desde seus iniciadores – os filólogos alexandrinos, aos humanistas e os renascentistas –, até chegar à denominada *filologia moderna*, com a metodologia de Lachmann, passando por Bédier, Pasquali, Greg e Bowers, entre outras. Como salientado por Spaggiari e Perugi (2004, p. 25) ao dissertar acerca das origens da Crítica Textual, “Os critérios, e até a técnica utilizada, mudam no tempo”, mudanças essas constituídas a partir das idiossincrasias dos textos.

Dessa forma, a diversidade metodológica da Crítica Textual denota a constante busca pelo melhor caminho em prol do que se costuma denominar de texto fidedigno. A depender do tipo de *corpus*, do gênero textual, do material, do público alvo e do objetivo do editor, muitos podem ser os caminhos trilhados na esfera desse tipo de pesquisa. E não há de ser diferente quando nos atemos ao texto encontrado em materiais didáticos.

Temos por base metodológica o exercício de cotejo entre testemunhos. Para uma melhor compreensão desse confronto, faz-se necessário um esclarecimento referente aos tipos de testemunhos que foram comparados e analisados. O primeiro, considerado como o *texto-base*, trata-se da crônica indicada como referência pelo próprio Livro Didático. O segundo tipo trata-se do texto/crônica transcrito no material didático, o que aqui denominamos de *Edição Didática*. É importante destacar que, consideramos o texto-base como comprovadamente um texto autoral, mesmo que depois tenha sido modificado pelo próprio autor (independentemente do veículo de publicação: jornal, revista ou livro). Fizemos isso porque, como pudemos atestar ao analisarmos o processo de produção escrita de Rubem Braga, o processo de reescrita de suas crônicas era uma constante, mesmo nas já publicadas em livros. Dessa forma, a busca de um texto-base para cotejo diferente do indicado pelo Livro Didático não se justificaria, tendo em vista tanto o *corpus* quanto os objetivos propostos nesta pesquisa. Sendo assim, cada crônica possui um texto-base para cotejo, aqui denominado *Testemunho Indicado como Referência pelo LDP*.

O levantamento do *corpus* foi realizado através de duas recensões. A primeira foi a coleta das crônicas de Rubem Braga encontradas nos livros didáticos selecionados. E, durante esse processo de coleta, realizamos a catalogação desses testemunhos,

levantando suas fichas, bem como as referências dos textos indicados como fonte de cada crônica encontrada. Este trabalho foi realizado, principalmente, na Biblioteca do Livro Didático (BLD), da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP); em acervos de escolas que ainda mantinham este tipo de material; e em sebos acessados via *web*. Posteriormente, passamos à segunda recensão dos Textos-Base. As pesquisas desses materiais foram realizadas em bibliotecas e sebos.

Após a coleta, partimos para o cotejo entre os testemunhos, ou seja, para a fase denominada de colação. A partir dos confrontos entre testemunhos, fazemos o levantamento da variante existente e sua consequente classificação.

A classificação aqui proposta segue a esteira de Blecua (1983) que, a partir das categorias aristotélicas, assim apresenta as quatro tipologias dos chamados erros: adição, omissão, alteração de ordem e substituição. A utilização da palavra *variante* em lugar de *erro* encontra-se alicerçada no fato de, como passar do tempo, o termo *erro* ter ganhado uma rigidez conceitual que o tornou menos adequado para o trabalho filológico/linguístico (Spaggiari; Perugi, 2004).

Para uma melhor visualização do cotejo, os testemunhos foram transcritos na íntegra, numa edição conservadora, um ao lado do outro. À esquerda, o Texto-Base com a denominação TESTEMUNHO INDICADO COMO REFERÊNCIA PELO LDP; e à direita, o texto da Edição Didática, denominado TESTEMUNHO DO LDP/EDIÇÃO DIDÁTICA. Ao longo da comparação, buscando aproximar os dois testemunhos, destacamos suas divergências, apresentando-as através de sinalizações para cada tipo de variante.

## Exemplos de variantes encontradas

Nas 14 crônicas analisadas, foram identificadas e classificadas 145 variantes, dessas 66 (46%) omissões, 42 (29%) substituições, 35 (24%) adições e 2 (1%) alterações de ordem. À guisa de exemplificação, apresentamos alguns casos de omissões e substituições com suas respectivas análises.

Casos de Omissões:

Texto A

TESTEMUNHO INDICADO COMO REFERÊNCIA PELO LDP	TESTEMUNHO DO LDP
1) Televisão é incompatível com livro – e com tudo mais nesta vida, inclusive a boa conversa, até o <i>making love</i> .	Televisão é incompatível com livro – e com tudo mais nesta vida, inclusive a boa conversa. [∅]
2) A corujinha da madrugada não é apenas a companheira de gente importante, é a grande amiga da pessoa desimportante e só, da mulher velha, do homem doente... É a amiga dos entrevados, dos abandonados, dos que a vida esqueceu para um canto... ou dos que estão parados, paralisados, no estupor de alguma desgraça... ou que no meio da noite sofrem o assalto de dúvidas e melancolias... mãe que espera filho, mulher que espera marido... homem arrasado que espera que a noite passe, que a noite passe, que a noite passe...	[∅]
3) <i>Abril, 1977</i>	[∅]

Fonte: elaboração própria.

Ao analisarmos os três casos de omissão, percebemos dois tipos diferentes de prováveis motivações. No primeiro, excerto 1, podemos considerar que a causa da supressão tenha sido a censura à expressão *making love*, que, proveniente do inglês, significa, frente a uma tradução o livre, *fazer amor*. O levantamento desta motivação se ampara na identificação da natureza das questões sobre o texto, já que versam, em grande parte, sobre a discussão de significados. Uma possível fuga da discussão pode ter sido o intuito dessa omissão.

No segundo caso, ocorre a supressão completa do último parágrafo da crônica. Levantamos algumas prováveis motivações. A que geralmente vem à tona nesses casos é o intuito de resumir o texto para adequá-lo à diagramação do livro. Porém, ao observarmos a diagramação, não parece ter sido esse o motivo, já que há um considerável espaço entre as questões iniciais, a imagem e o texto em si.

Outra possibilidade motivacional está relacionada a algum lapso ao copiar o texto do livro indicado como fonte, já que este último parágrafo se encontra no verso da

página. Entretanto, destacamos que a motivação mais plausível esteja relacionada a uma outra variante do texto: a substituição do título. O último parágrafo apresenta a televisão como a “corujinha da madrugada” e suas boas ações são destacadas como, por exemplo, ser companhia aos solitários, que apesar de ser “coruja” ela tem “alma de pomba”. Lembramos que a comparação com a coruja tem relação com os hábitos noturnos desse animal, inspiração para a denominação de uma sessão de filmes da TV aberta brasileira, na qual são exibidos filmes na madrugada, a conhecida *Sessão Coruja*. Desse modo, a TV é caracterizada como uma “coruja”, em função de seus hábitos noturnos, mas com “alma de pomba”, pois essa figura traz seu aspecto benevolente, apaziguador e companheiro. Ou seja, esse parágrafo justifica o título original da crônica, complementa e explicita a reflexão levantada pelo autor, e sua omissão, provavelmente, acabou desencadeando a necessidade de substituição do título, ou vive-versa. Com isso, ao suprimir o parágrafo, omite-se a possibilidade de discutir uma das principais mensagens da crônica: o caráter paradoxal da televisão, sua função acalentadora apesar dos diversos problemas causados por ela.

Nesse mesmo parágrafo também aparecem expressões que poderiam ser caracterizadas como inadequadas, tais como “ou dos que estão parados, paralisados, no estupor de alguma desgraça... ou que no meio da noite sofrem o assalto de dúvidas e melancolias...” acrescentando-se, dessa forma, o fator censura à motivação da supressão.

A última omissão destacada trata-se da habitual retirada da indicação do mês e ano da crônica. Vemos, ao longo das análises, que essa prática é muito recorrente e raras são as vezes em que essa datação é colocada.

Casos de Substituições:

Texto A

TESTEMUNHO INDICADO COMO REFERÊNCIA PELO LDP	TESTEMUNHO DO LDP/ EDIÇÃO DIDÁTICA
4) Ela tem alma de pomba	{A televisão}

Texto B

TESTEMUNHO INDICADO COMO REFERÊNCIA PELO LDP	TESTEMUNHO DO LDP/ EDIÇÃO DIDÁTICA
5) homem arrasado que espera que a noite passe	homem a{t}rasado que espera que a noite passe

Fonte: elaboração própria.



O exemplo 4, traz a substituição do título de uma crônica de Braga. Provavelmente, com o intuito de ser mais direto, não levando em consideração o aspecto metafórico (negligenciando uma das características de um texto literário), a edição do livro didático, simplesmente, substitui o título *Ela tem alma de pomba* por *Televisão*. Essa substituição tem relação direta com a omissão do último parágrafo, como anteriormente colocado nos exemplos de omissões (a relação das figuras da coruja e da pomba). Muito se perde em conteúdo de análise, como por exemplo, explorar o significado do título original. Tantas reflexões sobre o assunto poderiam ser suscitadas numa discussão, principalmente com alunos da faixa etária correspondente ao atual 9º ano - 8ª série. Em nenhum momento essa modificação é informada, não há uma só referência ao verdadeiro título do texto.

Já no exemplo 5, vemos que, a aparentemente simples, substituição de uma letra modifica completamente o sentido da palavra e a consequente interpretação do texto: o homem *arrasado* se torna *atrasado*. Essa substituição não apresenta relação direta com nenhuma particularidade do conteúdo em foco e, consideramos, assim, que ela tenha ocorrido por engano de leitura e cópia do texto original, ou, talvez, por erro de digitação, haja vista as letras *r* e *t* se encontrarem muito próximas no teclado. Como esse lapso ocasionou a aparição de outra palavra existente na língua portuguesa, não foi identificado como tal e, conseqüentemente, figurando na versão final do texto, o que causa, no entanto, uma considerável modificação no conteúdo semântico da crônica.

## Considerações finais

O presente trabalho buscou interseccionar três áreas de pesquisa que são basilares nos cursos de Licenciatura em Letras: os estudos filológicos, os estudos literários e os estudos voltados ao ensino. A partir das reflexões levantadas entre esses campos, podemos direcionar promissores caminhos de pesquisa. Novas proposta, com outros gêneros textuais, livros didáticos de outras séries, de outras disciplinas, outros PNLD.

Nessa esteira de estudos, baseados na metodologia aqui apresentada e proposta, já desenvolvemos dois trabalhos de conclusão de cursos de alunas do Curso de Letras

Vernáculos, da Universidade do Estado da Bahia. Com o título “Análise filológica de textos drummondianos em livros didáticos”, Sara Xavier Marques fez um estudo de textos de Carlos Drummond de Andrade presentes em livros didáticos de Língua Portuguesa, do Ensino Fundamental II, do PNLD de 2020. Enquanto Janiele Brasil de Araújo analisou crônicas de diversos autores presentes em Livros Didáticos de Português, também do PNLD de 2020, culminando na monografia intitulada “A fidedignidade de textos literários no campo do ensino: análise filológica de crônicas em livros didáticos”.

Esperamos que estes trabalhos sirvam de inspiração para tantos outros, e que novas propostas de pesquisas sejam empreendidas, levantando e descobrindo novos *corpora*, adaptando e criando novas metodologias, pois os estudos filológicos são um campo muito profícuo de produções e descobertas.

## Referências

A HISTÓRIA da coleção ‘Para gostar de ler’, 2014. Disponível no endereço: <https://rubem.wordpress.com/2014/05/29/a-historia-da-colecao-para-gostar-de-ler/>. Acesso em: 04 jun. 2019.

BALDOW, V. M. F. S. *A genuinidade de textos literários em livros didáticos de língua portuguesa*. 2013. 93f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Literatura e Diversidade Cultural) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2013.

BARRETO, J. R. de O. B.; SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. Estudo do processo de transmissão de Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa, em livros didáticos de língua portuguesa. *Filologia e Linguística Portuguesa* n. 21, n 1, 43-60, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/152303>. Acesso em: 17 dez. 2019.

BENDER, F. C. Teoria. In: LAURITO, I. B.; BENDER, F. C. *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993.

BLECUA, A. *Manual de crítica textual*. Madrid: Editorial Castalia, 1983.

BORNATTO, S de P. A seleção brasileira de escritores nos livros didáticos dos anos 70. *In: Educar em Revista*, Curitiba, n. 51, p. 85-101, jan/mar. 2014. Editora UFPR.

BRAGA, R. *200 crônicas escolhidas*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 1988.

ARAÚJO, J. B. *A Fidedignidade de textos literários no campo do ensino: Análise filológica de crônicas em livros didáticos*. 65f. 2023. Monografia (Graduação em Letras Língua Portuguesa e Literaturas. Campus IV, Jacobina) Universidade do Estado da Bahia. Jacobina- Bahia, 2023

- MARQUES, S. X. C. *Análise filológica de textos drummondianos em livros didáticos*. 61f. 2022. Monografia (Graduação em Letras Língua Portuguesa e Literaturas. Campus IV, Jacobina) Universidade do Estado da Bahia. Jacobina- Bahia, 2022
- CAFIERO, D.; CORRÊA, H. T. Os textos literários em quatro coleções de livros didáticos: entre o estético e o escolar. In: ROJO, R.; BATISTA, A. A. *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura escrita*. Campinas: Mercado das letras, 2003.
- CAMBRAIA, C. N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CHARTIER, R. *Os desafios da escrita*. Tradução de Fúlvia Moretto. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.
- DUARTE, R. de J. Ensinando a transgredir: a crítica filológica na sala de aula da educação básica. In: SOUZA, R. B. de; BORGES, R.; ALMEIDA, I. S. de; SOUZA, D. de (org.). *Filologia em Diálogo: descentramentos culturais e epistemológicos*. Salvador: Memória & Arte, 2020. p. 511-530.
- LAURIA, M. P. P. *Livro didático de Português: entre as concepções de ensino, os trilhos da lei e as sendas do texto*. 317f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- MARENGO, S. M. D. A.; RODRIGUES, M. N. Crítica textual e os livros didáticos de espanhol do PNLD 2012: estudo da coleção enlaces. In: Congresso nacional de estudos filológicos e linguísticos, 16., 2012, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xvi\\_cnlf/tomo\\_3/tomo\\_3.pdf](http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_3/tomo_3.pdf). Acesso em: 15 set. 2017.
- MARENGO, S. M. D. A.; RODRIGUES, M. N. O texto literário no material didático de E/LE: (Re/Des)construções interculturais da leitura a partir da Crítica Textual. In: *Congresso internacional de profesores de lenguas oficiales del mercosur, 2*; Encuentro internacional de asociaciones de profesores de lengua oficiales del mercosul, 2. 2012, Buenos Aires. *Anais [...]*. Disponível em: [https://www.academia.edu/23488879/o\\_texto\\_liter%C3%81rio\\_no\\_material\\_did%C3%81tico\\_de\\_e\\_le\\_re\\_des\\_constru%C3%87%C3%95es\\_interculturais\\_da\\_leitura\\_a\\_partir\\_da\\_cr%C3%8Dtica\\_textual](https://www.academia.edu/23488879/o_texto_liter%C3%81rio_no_material_did%C3%81tico_de_e_le_re_des_constru%C3%87%C3%95es_interculturais_da_leitura_a_partir_da_cr%C3%8Dtica_textual). Acesso em: 15 set. 2017.
- MARENGO, S. M. D. A. A Crítica Textual na formação inicial docente: repensando o currículo a partir do livro didático. In: OLIVEIRA, L. E.; MENESES, J. S. (orgs.). *(Re)pensando as licenciaturas*. São Cristovão: Editora UFS, 2016.
- MENDES, M. G. A fidedignidade dos textos nos livros didáticos de Comunicação e Expressão no Brasil. In: *Encontro de crítica textual: o manuscrito moderno e as edições*, 1., 1985, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: EDUSP, 1986. p. 163-174
- POPPELMANN, C. *Dicionário da Língua Morta: a origem de máximas e expressões em latim*. Tradução e adaptação de Ciro Moranza. São Paulo: Escala, 2010.
- RODRIGUES, M. N. *Crítica Textual e Livros Didáticos: os textos literários na coleção Enlaces (PNLD 2012 e 2015)*. 2016. 57f. Monografia (Especialização em Análise e elaboração de material didático em Espanhol como língua estrangeira na educação básica) – Departamento de Letras Estrangeiras, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2016.

SACRAMENTO, M. R. S. V. do. *Textos literários e crítica textual: uma análise da coleção *Cercanía Joven* (PNLD 2015)*. 53 f. 2016. Monografia (Especialização em Análise e elaboração de material didático em Espanhol como língua estrangeira na educação básica) – Departamento de Letras Estrangeiras, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2016.

SANTIAGO-ALMEIRA, M. M.; MORANDINI, G. de S.; SILVA, L. B. de A. A crítica textual pula o muro da escola. *Linha d'Água*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 159-176, maio-ago. 2018.

SANTOS, E. E. dos S. *PNLD 2012 X PNLD 2015: Um estudo de crítica textual na coleção *Enlaces**. 84f. Monografia (Especialização em Análise e elaboração de material didático em Espanhol como língua estrangeira na educação básica) – Departamento de Letras Estrangeiras, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2016.

SPAGGIARI, B.; PERUGI, M. *Fundamentos da Crítica Textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004

SPINA, S. *Introdução à edótica: crítica textual*. 2. ed. São Paulo: Ars Poética; Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

TELLES, C. M. *Estudos Filológicos: Linguística Românica e Crítica Textual*. ALMEIDA, A. D. de et al. (org.) Salvador: EDUFBA, 2016.